SETEMBRO-OUTUBRO 1985 ANO XVII — Nº 127

PÁGINA juvenil

BIMENSÁRIO DO DEPARTAMENTO JUVENIL DA UNIÃO BRASILEIRA — DIRETOR: JOSÉ RINALDO BARBOSA

I CONGRESSO INFANTO-JUVENIL em Juquiá, SP - pág. 2

Um ponto alto do Congresso — batismo de dezessete almas

Momento da abertura do Congresso Infanto-Juvenil

BATISMO DA JUVENTUDE NO RIO E EM VITÓRIA

Muita alegria no encontro dos jovens em Cascadura

- Batismo da juventude da ARJES — pág. 2
- Lena, a garotinha africana — pág. 3
- O prisioneiro feliz — pág. 4
- Penúltimo capítulo da história de Martinho Lutero — pág. 7

"SALVEMOS NOSSOS FILHOS"

Este foi o lema do I Congresso Infanto-Juvenil, realizado na acolhedora cidade de Juquiá, nos dias 24 a 28 de julho deste ano. Nas linhas abaixo você poderá sentir um pouco da alegria que predominou nesse evento promovido pela Associação Paulista.

Às 20:00h da quarta-feira, dia 24, os congressistas assistiram à abertura que esteve a cargo do pastor Juracy José Barrozo (Presidente da ASPA), Pastor Antônio Pinto (Regional) e o irmão Paulo Afonso (Departamental Juvenil da Associação). A palestra inicial foi fundamentada em Isaías 49:25 (segunda parte), "... e os teus filhos Eu salvarei", sendo este o tema central das palestras seguintes, que contribuíram grandemente para a edificação espiritual da juventude.

Na quinta-feira, dia 25, foram abordados assuntos como: "Salvemos nossos filhos da desordem", "Salvemos nossos filhos da moda", "Salvemos nossos filhos da intemperança" e "Salvemos nossos filhos da falsa educação". Paralelamente, iniciou-se, neste dia, o Congresso Infantil, com participantes na faixa de três a doze anos. As professoras dedicaram especial interesse aos pequenos, levando-os a um contato mais íntimo com o nosso Pai Celestial através de cânticos, poesias, histórias bíblicas, desenhos e passeios pelas redondezas, tudo apontando para Aquele que deu a vida por todos, tanto pequenos como grandes. À noite, as crianças apresentaram uma belíssima programação preparada com muito carinho e, ao final, houve a projeção de dois filmes sonoros; essa programação contou com uma assistência de aproximadamente 350 pessoas.

Na sexta-feira, dia 26, foram realizadas duas palestras intituladas: "Salvemos nossos filhos dos pecados secretos" e "Salvemos nossos filhos da promiscuidade", sendo que esta última foi explanada em quatro grupos distintos — senhores, senhoras, moços e moças.

As palestras distinguiam-se pelo clima descontraído em que eram realizadas, e os jovens tinham a oportunidade de dialogar sobre os assuntos expostos.

Houve a recepção do santo sábado e as crianças se apresentaram novamente. Em seguida, um filme sonoro precedeu a palestra da noite que tinha por tema: "Salvemos nossos filhos da delinqüência juvenil".

Sábado, dia 27, mais de quatrocentas pessoas assistiram à Escola Sabatina e ao culto divino, oficiado pelo Pastor Juracy. À tarde, uma animada Liga Juvenil preencheu o tempo e o coração de cada jovem. Vários programas de enlevo espiritual foram apresentados, numa sólida ponte que conduziu os presentes à programação noturna, abrilhantada pelo coral "Mensagem de Fé" e pelo Coral de Juquiá.

Interior do refeitório

O momento mais significativo deste Congresso ocorreu domingo, dia 28, quando dezenove almas testemunharam publicamente a decisão de seguir o Mestre, e foram batizadas no rio Juquiá, às 10:30h. À noite, após a recepção dos novos membros, o Pastor José Rinaldo Barbosa (Departamental Juvenil da União), proferiu a última palestra: "Salvemos nossos filhos para o Senhor". Ao término, um veemente apelo atingiu o coração de muitos jovens, que decidiram servir a Cristo.

Foi atingido um total de quase seiscentos assistentes na última reunião. Após a palestra, os dirigentes prestaram seus agradecimentos aos congressistas de forma geral, aos colaboradores e especialmente a algumas autoridades locais que muito auxiliaram para a realização desse evento. Foram eles o Prefeito da cidade, Sr. Said Apaz, o Presidente do Centro Social, doutor Cléo, e a diretora do colégio onde os congressistas foram hospedados, professora Terezinha Gonzales. Como último ato solene do congresso, o Pastor Juracy Barrozo pronunciou a bênção sobre todos os presentes. Chegou então o instante da despedida; e ao voltarem para os seus lares, todos sentiam no coração uma paz sublime e um conforto celestial, certos de que Deus esteve presente àquele encontro, e que por certo iluminará o caminho de todos os que se entregaram sem reservas ao Seu cuidado.

Os pastores Antônio Pinto e Rinaldo Barbosa, oficiaram o batismo

Ao finalizarmos esta matéria ainda conservamos em nossas mentes os maravilhosos dias que passamos com toda aquela força juvenil, que serão os pais do futuro, e com certeza terão na mente o propósito que hoje temos de cuidar da herança divina e erguer o lema "Salvemos nossos filhos para o Senhor".

Paulo Afonso

BATISMO DA JUVENTUDE

Foi um sucesso total a festa do "batismo da juventude" da ARJES. Ultrapassou nossas expectativas. Deus abençoou grandemente o plano e o resultado foi o acréscimo de um bom número de valorosos jovens às fileiras do Mestre.

A ARJES compõem-se de dois pequenos estados: Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nosso pensamento foi promover uma dupla festa, em Cascadura-RJ e em Vitória-ES no mesmo dia, proporcionando assim maiores condições de participação a todos os jovens e demais irmãos de toda a Associação, sem problemas de distância, custo de viagem e acomodação. Circulares foram enviadas, instruções pessoais foram dadas, classes batismais foram intensificadas, e todos passaram a trabalhar em função desse grande objetivo. Finalmente chegou a data: 14 de julho.

Na sexta-feira, bem de manhã, o movimento já era intenso aqui em Cascadura, no Rio de Janeiro, com a chegada de um ônibus lotado pelo conjunto "Filhos do Rei", acompanhado de mais alguns irmãos de São Paulo, liderados pelo departamental de jovens da ASPA, irmão Paulo Afonso, e pela irmã Sônia Regina de Jesus, responsável pelo conjunto. Chegou também o quarteto "Arauto Celeste". E um grande número de irmãos do Estado do Rio ia aumentando o movimento.

Recebemos o santo Sábado com alegria, e às 20:00h o templo estava repleto. Mais de duzentas pessoas ouviram a importante exposição feita pelo irmão Wilson Barros, orador jovem, nosso convidado para dirigir as conferências da ocasião. Ouvimos também a apresentação do Conjunto "Filhos do Rei", e do Quarteto "Arauto Celeste" embelezando ainda mais a festa espiritual. No Sábado a assistência era ainda maior. Aproximadamente quatrocentas pessoas, entre adultos e crianças, estavam presentes. Foi uma bela Escola Sabatina. Na segunda hora, o irmão Davi Paes Silva (que em gozo de suas férias veio também prestigiar-nos

Batismo de jovens em Cascadura - RJ

juntamente com sua distinta família), fez um importante sermão que impressionou a todos, especialmente a juventude.

À tarde, como não poderia deixar de ser, foi a vez da Liga Juvenil. Foi uma tarde muito alegre com bons programas e muita música, tendo seu ponto alto quando o quarteto "Arauto Celeste" fez uma apresentação especial para as crianças. Estas participaram ativamente e com muito entusiasmo.

À noite houve uma audição musical. Domingo foi um belo dia de sol. De manhã, após a profissão de fé, todos se dirigiram à beira do tanque, e a festa alcançou o seu clímax: dezenove almas passaram pelas águas batismais. Como era emocionante ver jovem após jovem descer solenemente os degraus água adentro para serem batizados pelos pastores Raimundo Gomes e José Silva! Este último, aliás, tinha razões de sobra para estar mais feliz ainda, pois dois dos jovens que se batizaram são seus filhos Jocéia e Gerson. Alguns irmãos de mais idade também foram movidos pelo Espírito de Deus e aproveitaram a oportunidade do batismo da juventude para se batizarem também. Ainda na beira do tanque, os batizandos receberam do conjunto "Filhos do Rei" um lindo botão de rosa e uma pequena mensagem escrita. Num telefonema ao irmão Jessé Pinheiro, fomos

Continua na pág. 4

O VALOR DO RESGATE

Enoque S. Teixeira

"Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou." 2 Co 5:15.

O maior seqüestro da história aconteceu quando o arquienganador conseguiu levar a raça humana a transgredir conscientemente a ordem de Deus registrada no capítulo três de Gênesis. O Santo Deus foi ofendido pelo terrível crime da incredulidade e desobediência.

"A queda do homem encheu o Céu todo de tristeza. O mundo que Deus fizera estava deslustrado pela maldição do pecado, e habitado por seres condenados à miséria e morte. Não parecia haver meio pelo qual pudessem escapar os que tinham transgredido a lei. Os anjos cessaram os seus cânticos de louvor. Por toda a corte celestial havia pranto pela ruína que o pecado ocasionara.

"O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. Seu coração moveu-se de infinita compaixão ao erguerem-se diante dEle os ais do mundo perdido. Entretanto o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser remido. A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus Santo que deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.

"Perante o Pai pleiteou Ele em prol do pecador, enquanto a hoste celestial aguardava o resultado com um interesse de tal intensidade que palavras não poderão exprimir. Mui prolongada foi aquela comunhão misteriosa — o 'conselho de paz' (Zc 6:13) em prol dos decaídos filhos dos homens.

"O plano da salvação fora estabelecido antes da criação da Terra, pois Cristo é o 'Cordeiro morto desde a fundação do mundo' (Ap 13:8); foi, contudo, uma luta, mesmo para o Rei do universo, entregar Seu Filho para morrer pela raça culposa. Mas 'Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.' João 3:16. Oh, que mistério da redenção! O amor de Deus por um mundo que O não amou! Quem pode conhecer as profundidades daquele amor que 'excede todo o entendimento?' Durante séculos intérminos, mentes imortais, procurando entender o mistério daquele amor incompreensível, maravilhar-se-ão e adorarão." PP 57, 58.

Caro leitor, tens-te lembrado de que Jesus Cristo deu Sua vida por ti? Ele deu Sua vida por mim também e por todos os Seus inimigos.

A palavra de Deus fala de maneira diferente a cada pecador. "Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." Rm 5:8.

"Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça." Rm 8:10.

O Senhor Jesus pagou por mim e por ti o preço de resgate mais alto do mundo, tornando-nos dignos da vida eterna.

Que Ele nos faça conscientes dessa bênção! Amém!

LENA, A GAROTINHA AFRICANA

Lena era uma garotinha de apenas oito anos de idade. Vivia num município de nativos não longe da cidade de Pretória, África do Sul. Tinha vários irmãos e irmãs. O amor de um pai lhe era desconhecido. A mãe freqüentemente passava meses doente, ocasiões em que ficava incapaz de cuidar dos filhos. Estes ficavam todos à mercê de um tio que lhes provia abrigo e uma parca porção de alimento. Ele não lhes tinha amor.

Em várias ocasiões, quando a mãe de Lena tinha de ficar no hospital por longo período de tempo, minha esposa e eu levávamos aqueles pequenos à nossa casa e cuidávamos deles da melhor maneira que podíamos. Aprenderam a amar as coisas de Deus e freqüentavam regularmente nossa pequena escola sabatina. Após algum tempo as crianças com a mãe passaram a freqüentar regularmente a Escola Sabatina e se identificaram com os adventistas do Movimento de Reforma.

Em casa as crianças não tinham suficientemente o que comer. Quase que o único alimento que o tio lhes podia comprar era farinha de milho. Isto era, praticamente, tudo o que tinham para comer pela manhã, ao meio-dia e à noite. Sem dúvida, é comum os africanos da África do Sul comerem bastante angu de farinha de milho, mas com leite, frutas, verduras, pão e (refiro-me a pessoas não reformistas) os que podem também comem carne. Quando a família veio para a igreja, ficamos felizes por lhes poder dar um pouco mais de alimento e acrescentar alguma variedade àquela dieta bem unilateral. E quando estavam em nossa casa, aquelas crianças podiam aproveitar melhor variedade de alimentos do que em sua própria casa. Viam como até as pessoas pobres podem melhorar seus hábitos de comer e beber. Após aprenderem os princípios do Movimento de Reforma, não quiseram mais comer carne de espécie alguma, mesmo que lhes fosse oferecida por parentes ou amigos.

Um dia nos chegaram a notícia de que Lena estava doente. Nada que pudemos fazer parecia ajudá-la, e tivemos que chamar o médico. Ele não pôde diagnosticar a doença de Lena, mas disse que ela teria de ir ao hospital para exames e tratamento. Muitas crianças africanas sofrem de doenças causadas por desnutrição, e quando são internadas num hospital e recebem alimento nutritivo, logo ficam bem. Mas Lena, sem tanta sorte, teve de passar quase um ano no hospital.

Todos os que conheciam a garotinha sentiam muita falta dela. Sem ela a casa não parecia estar no mesmo lugar, e alguma coisa parecia estar faltando em nossa escola sabatina e nas reuniões juvenis. Mais tarde, porém, entendemos por que Lena teve de ir para o hospital e ficar lá tanto tempo. Como a pequena empregada cativa no lar do sírio Naamã, nossa pequena haveria de dar testemunho a toda a ala infantil do grande hospital da cidade.

Lena ficou sendo favorita para todas as enfermeiras. Todos os funcionários pareciam ter atração por ela. Acariciavam-na e a tomavam nos braços como se ela fosse filha deles. Todos a amavam porque ela possuía o amor de Jesus no coração e não podia deixar de irrádiá-lo em suas palavras e ações. Ela procurava viver o que aprendera em casa e na igreja.

Sua primeira prova real no hospital foi a questão do alimento. Havia abundância de alimento e em tal variedade que ela jamais tinha visto em casa. Não havia ali mãe para dizer a ela o que comer e o que não comer. A diretora, a encarregada da ala das crianças, a enfermeira-chefe e todos os funcionários tentaram em vão convencer a Lena de que ela deveria servir-se dos vários pratos de carne que todos os outros pareciam apreciar. Mas não puderam persuadi-la. Tampouco puderam convencê-la a beber chá ou café. Que poderiam fazer? Queriam ver a menina com saúde e sabiam que ela necessitava de alimento bom e nutritivo, inclusive proteínas, por isso a enfermeira-chefe recebeu ordem de preparar pratos vegetarianos especiais para Lena. Não há dúvida de que anjos santos estavam orientando e ajudando na preparação das refeições de Lena.

Não somente aprenderam todos daquela seção do hospital a conhecer e amar Lena por causa de sua cativante personalidade e disposição agradável, mas também vieram a conhecer os Adventistas do Movimento de Reforma e alguns de seus princípios. Lena não hesitou em contar aos outros pequenos pacientes aquilo de que ela se lembrava das classes de menores da Escola Sabatina.

É maravilhosa bênção de Deus ser educado em um lar cristão, sob a proteção e influência de bons pais. Mas as bênçãos andam de mãos dadas com os deveres. Já ocorreu que um dia você também pode encontrar-se numa situação em que, como Lena, seja chamada a testemunhar em favor do Senhor? Esperamos que não tenha de ir para um hospital, mas muitas vezes os filhos têm de separar-se dos pais e de seus entes queridos. Se isso acontecesse e você se achasse sob os cuidados de pessoas que não entendessem suas crenças e seus princípios, o que você faria? Esperamos que jamais se esqueça das lições que você aprendeu no lar e na Escola Sabatina e que, como Lena, tome de todo o coração a decisão de colocar-se ao lado do direito, não importando o que os outros digam ou façam.

E.F.

O PRISIONEIRO FELIZ

Meu companheiro e eu chegamos a Goiás, o ponto mais distante da costa a que o Evangelho havia sido levado até então, na Américo do Sul. O meu colportor brasileiro e eu começamos a trabalhar para estabelecer um centro permanente de esforços evangélicos entre os Católicos Romanos, centro que constituísse uma base para o território índio, que ficava situado na parte de trás.

Alugamos uma pequena sala, no centro da cidade; mandamos fazer alguns bancos e uma plataforma e o trabalho foi iniciado sem maiores formalidades.

Fizemos reuniões noite após noite, reuniões que foram muito concorridas, apesar da oposição feita pelos frades Dominicanos, esses filhos leais do grande Inquisidor.

Era um trabalho muito penoso, pois a classe abastada e a dos oficiais retiraram-se quando começamos a tratar de assuntos sérios e a pregar o arrependimento. Nossa assistência baixou de vinte a trinta pessoas, mas justamente nessa ocasião principiamos a perceber os primeiros resultados. Os que primeiramente se apresentaram como fruto desse trabalho, foram seis soldados.

Alguns desses jovens começaram a trabalhar logo em seguida, distribuindo folhetos entre os seus amigos e companheiros e a auxiliar a nossa causa por muitos outros meios.

Tornaram-se então alvo de muita zombaria; foram maltratados e apedrejados nas ruas e praças; entretanto, todos eles comprovaram a sua fidelidade. Certo dia um deles trouxe uma notícia surpreendente.

Enquanto, no seu dever de sentinela na prisão, estava fazendo a distribuição de folhetos aos prisioneiros, descobriu, entre estes, um homem que possuía uma Bíblia; ele a ganhara, há muitos anos. Tinham ficado realmente surpresos ao verem que o homem parecia estar sinceramente convertido.

Lembrei-me então que, em uma das visitas que fizera, algum tempo antes a Goiás, havia distribuído folhetos na prisão, como era hábito meu fazer em cada cidade em que entrava.

Um dos prisioneiros daquela prisão comprara uma Bíblia; sem dúvida este era o mesmo homem. Custou-me, entretanto, acreditar na informação que recebera sobre a sua conversão.

Dirigi-me à prisão, na manhã seguinte; queria fazer investigações sobre o caso. Obtendo a permissão do carcereiro, subi os degraus e caminhei por um ou dois corredores escuros, até que me encontrei à frente de um janela, com grades pesadas, que se abria em um muro. Espiando através das grades, percebi que existia uma segunda janela, também com barras de ferro, mais ou menos a sessenta centrímetros mais adiante, para segurança adicional.

Não existia uma porta; o único acesso para a cela era por meio de um alçapão, feito no assoalho dos quartos de cima.

Por certo tempo não me foi possível distiguir cousa alguma além da segunda janela, ao luscofusco que alumiava o local, embora estivesse perfeitamente consciente de um cheiro muito desagradável e do barulho feito por ratos que corriam, atravessando o espaço existente entre as duas janelas.

Decorreram alguns minutos mais e então percebi que havia ali uma grande cela, imunda e muito rústica, que provavelmente nunca havia sido lavada desde que a velha prisão, que tombava aos pedaços, tinha sido construída na velha era colonial, há mais de um século atrás.

Consegui ver as figuras de doze ou mais homens, deitados pelo chão, pois ali não havia bancos, um assento qualquer ou camas. Mesmo acomodações sanitárias não era vistas.

Algumas daquelas pobres criturasjá estavam encarceradas naquele buraco durante dez a vinte anos; outros permaneciam já por três longos anos naquele terrível lugar esperando que fossem julgados, e isto era, ao que parece, acontecimento muito habitual.

As prisões brasileiras, do interior, são uma desgraça para a humanidade; conheço bem o que digo, porque experimentei seu conforto e acomodação, mais ou menos há trinta anos passados, por ocasião de uma revolução.

Na extremidade final da cela muitos prisioneiros andavam de um lado para outro, como vemos andar os animais selvagens. Alguns desses convictos eram lunáticos, falando coisas ininteligíveis, fato igualmente visto bastantes vezes.

Chamei em voz alta o nome do homem que procurava. Precisei chamar repetidas vezes antes de atrair a atenção de alguém. Vi então uma das figuras escuras erguer-se e encaminhar-se para onde eu estava, pisando sobre os corpos deitados de seus companheiros de infortúnio.

Enquanto se aproximava da janela de grades, que ficava mais para dentro, a luz mortiça que dava seu pequeno brilho atrás de mim aclarou sua face: o rosto belo, claro e sempre risonho de Pedro Feliz; quando ele estendeu sua mão para o espaço que nos separava, senti, ao tomá-la entre as minhas, que aquele era um aperto de real confraternização e união em Cristo. Quão admirável foi essa primeira entrevista! Como Deus o instruíra maravilhosamente! Como era um profundo conhecedor da Palavra de Deus, pois havia lido a Bíblia toda muitas e muitas vezes!

Contou-me então a sua história. Quando ele era ainda muito jovem, um bandido da localidade, aterrorizando-o, certa noite, levara-o a cometer um furto. O roubo foi praticado; ele, contudo, foi tomado por grande horror, tendo de presenciar o assassinato de uma pobre velha, enquanto o furto estava sendo consumado. Ambos foram presos e mandados para a prisão, enquanto aguardavam o julgamento. Tendo o verdadeiro criminoso morrido, quando, anos depois, o julgamento se realizou, Pedro, como cúmplice, recebeu a sentença inteira de trinta anos de prisão. Depois de quinze longos anos de infelicidade, decorridos nesse período de tempo tão terrível (e como é triste e indescritível a agonia sofrida!), a Bíblia lhe veio às mãos. Aprendeu a ler sozinho e, certo dia, o Santo Espírito de Deus manifestou-Se à sua inteligência e ao seu coração, permitindo-lhe que compreendesse a verdade maravilhosa que está em Jesus e sentisse o seu poder, que cura e transforma. Tudo quanto teve de sofrer em virtude de sua fé, sob tais circunstâncias, só pode ser vagamente imaginado. Quase todos os seus companheiros, assassinos cruéis e endurecidos, eram criminosos do tipo mais ínfimo, mas no meio deles sua fé permaneceu firme, o maior milagre da graça de Deus que jamais vi!

Continuação da pág. 2
(Batismo da Juventude)

informados de que em Vitória também a alegria era muito grande entre nossos irmãos. Ali, mais ou menos na mesma hora, oito almas eram imersas nas águas agitadas do grandioso mar, renascendo novas criaturas em Cristo Jesus.

Coube ao irmão Jessé Pinheiro oficiar a cerimônia do batismo. As conferências estiveram a cargo do Pastor José Enoque Santiago, que fora convidado para essa finalidade. Ali esteve também o irmão Manoel Tomaz, representando a Associação.

Voltando aos acontecimentos de Cascadura, à noite tivemos a última conferência quando, no fim da mesma, o irmão Wilson Barros dirigiu um solene apelo, ao qual dezenas de pessoas atenderam, testificando do desejo de se aproximarem mais de Cristo e, mediante Sua graça, viverem uma vida santa até a sua vinda. Neste momento, ouvimos mais um vez o quarteto "Arauto Celeste" e, logo após, o conjunto Filhos do Rei.

Concluídas as conferências, houve no pátio da igreja uma confraternização entre os jovens paulistas e cariocas, com troca de flores e postais, entremeadas com palavras de congratulações a vários irmãos da obra presentes ali. Depois a despedida, quando a noite já ia alta. Foi uma dupla e maravilhosa experiência do Departamento de Jovens e da própria Associação. Deixamos assim a sugestão para outras associações e quem sabe para a própria União. Que tal um "Batismo da Juventude" em determinada data do ano? Que Deus seja louvado por todas as maravilhas que tem operado em nosso meio, especialmente com a juventude. Amém!

Edson Meireles
Diretor de Jovens
da ARJES

Continuação da pág. 7 (A NOITE DESCE)

amigos a orarem em favor do Evangelho, para que tivesse livre curso, porquanto o concílio de Trento estava muito zangado com ele. Voltando-se para Justo Jonas, expressou-se desta maneira: "Nasci e fui batizado aqui em Eisleben. Como seria se aqui ficasse?" Ao retornar ao seu aposento, sentiu forte dor no peito e orou nas palavras do Salmo: "Nas Tuas mãos encomendo o meu espírito; Tu me remiste, Senhor Deus da verdade." Depois de se lhe haver feito fricções com panos quentes e o conde Alberto lhe ter dado uma dose de remédio, ainda andou um pouco e em seguida deitou-se e dormiu até uma hora da madrugada. Acordou com novas dores violentas no peito e não mais suportou o leito. Enquanto isso mandaram chamar os dois médicos da cidade, o pastor Coelius e o conde Alberto. Chegaram também para junto dele o jovem teólogo João Aurifaber, o tabelião a esposa deste, o conde Alberto e esposa e o conde de Schwarzburgo com sua esposa. A esposa do conde Alberto friccionou-lhe o pulso. Os dois filhos Martinho e Paulo passaram a noite à cabeceira do pai. Proferiu então sua última e extensa oração: "Ó meu Pai celestial, Deus de toda a consolação! Graças Te dou porque me revelaste o Teu Filho Jesus Cristo, no Qual creio, ao Qual preguei e confessei, ao Qual amei e louvei, ao Qual todos os ímpios perseguem e blasfemam. Rogo-Te, ó Jesus Cristo, que me permitas recomendar-Te a minha alma. Ó Pai celestial, embora tenha que deixar este corpo e ser arrancado desta vida, ainda assim tenho certeza de que deverei ficar contigo eternamente e de que ninguém me poderá arrebatar das Tuas mãos."

UMA PALAVRINHA SÓ...

"FIM DO TIRANO"

José R. Barbosa

Recentemente, à página 33 da revista "Veja" de 11 de setembro do ano em curso, encontrei um artigo que recebia o título acima, o qual me chamou a atenção. Tratava-se de um pequeno relato sobre a vida política de um homem que, por volta de 1975, apareceu em cena chegando a chefiar o Camboja como Primeiro-Ministro durante três anos.

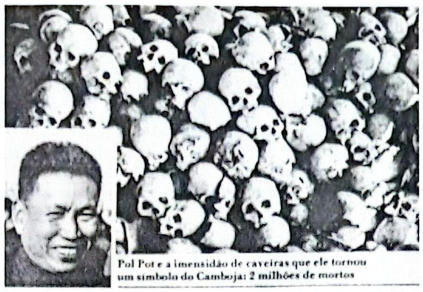
Sob o comando deste homem, nos relata o artigo, o Camboja se transformou num apavorante campo de trabalhos forçados.

As pessoas podiam ser executadas por qualquer manifestação de rebeldia, por ouvir música, ter animais de estimação, apresentar sinais de doença ou de fraqueza.

Seu nome — Pol Pot, virou sinônimo de insanidade política quando o mundo viu as imagens das ossadas que deixou em seu rastro. Chefiou um dos mais atrozes genocídios da história — cerca de dois milhões de mortos, sendo qualificado como um dos maiores símbolos de sanguinária tirania de que se tem conhecimento.

Finalmente o povo se viu livre de tão feroz parceiro do inimigo, pois havendo completado 60 anos de idade em maio próximo passado, atinge o novo limite para a aposentadoria compulsória entre os guerrilheiros.

Queridos jovens, estimados pais, embora estejamos vivendo em um país onde raramente se ouve falar de casos dessa natureza, sabemos que temos um inimigo muitas vezes mais sanguinário em nosso encalço. Nossos passos são seguidos por este inimigo astuto e poderoso, que emprega toda a sua força e habilidade no intento de nos destruir.



Pol Pot e a imensidão de caveiras que ele tornou um símbolo do Camboja: 2 milhões de mortos

"Desde os dias de Adão até aos nossos tempos, nosso grande inimigo tem estado a exercer seu poder de oprimir e destruir. Está hoje a preparar-se para sua última campanha contra a igreja. Todos os que procuram seguir a Jesus terão de batalhar contra este implacável adversário. Quanto mais aproximadamente o cristão imitar o Modelo divino, tanto mais certo fará de si um alvo para os ataques de Satanás." GC 510.

"Satanás bem sabe que todos quantos ele pode levar a negligenciar a oração e o exame das Escrituras, serão vencidos por seus ataques. Portanto, inventa todo artifício possível para ocupar a mente." GC 519

Como podemos ver, Satanás tem lutado contra o povo de Deus, com o objetivo de fazê-lo presa sua e mantê-lo sob o seu tirano poder. É como se nos quisesse levar a um grande campo de concentração ou trabalhos forçados. Ele tem por alvo a nossa destruição.

Há porém uma grande e importante diferença entre nós e o povo que até há pouco tempo foi liderado por Pol Pot. O fato é que nós temos ao nosso dispor Alguém que nos pode livrar do cativeiro desse implacável tirano.

"Satanás assaltou a Cristo com as suas mais cruéis e sutis tentações; foi, porém, repelido em cada conflito. Aquelas batalhas foram travadas em nosso favor; aquelas vitórias nos tornam possível vencer. Cristo dará força a todos os que a busquem. Sem o consentimento próprio, ninguém poderá ser vencido por Satanás. O tentador não tem poder para governar a vontade ou forçar a alma a pecar. Pode angustiar, mas não contaminar. Pode causar agonia, mas não o aviltamento. O fato de Cristo ter vencido deve incutir em Seus seguidores coragem para combater varonilmente na peleja contra o pecado e Satanás." GC 510.

Ciente de que sua luta logo chegará ao fim, Satanás trabalha hoje com intenso fervor. Tem por alvo fazer dos nossos jovens cativos seus. Faz-se necessário que demos atenção às palavras do apóstolo Pedro: "Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar." I Pedro 5:8.

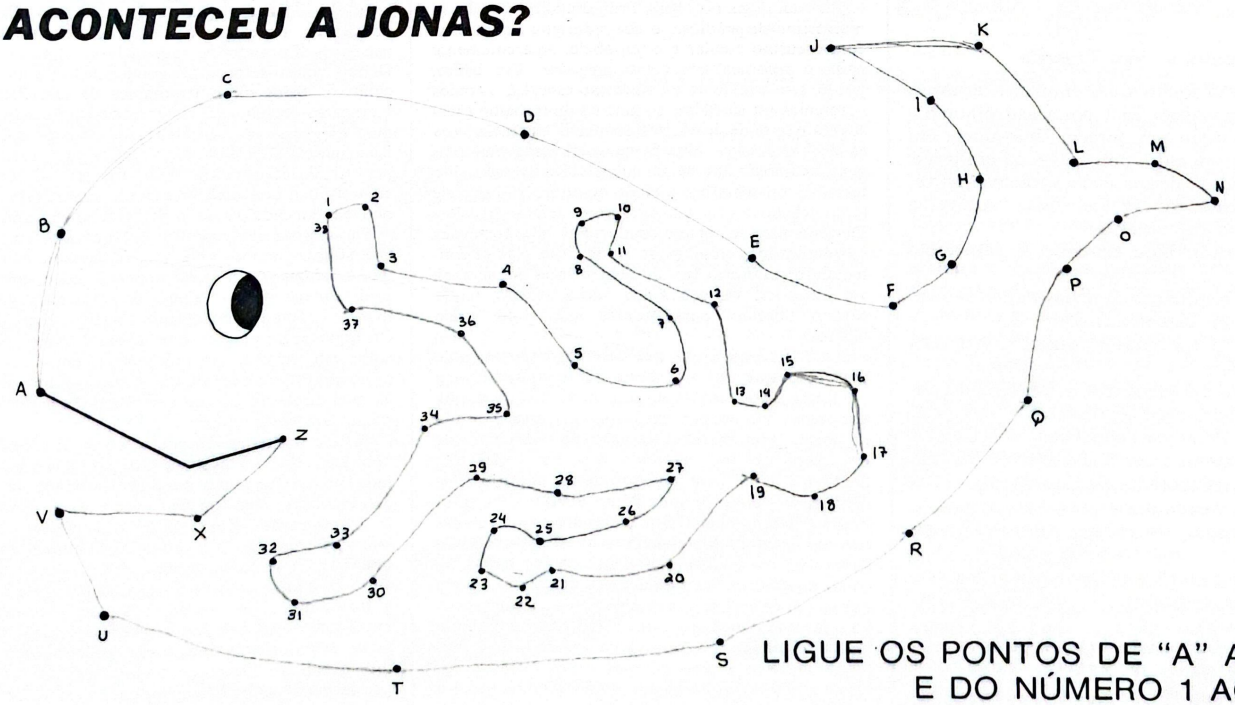
O Fim do Tirano

"Apesar de ter sido Satanás constrangido a reconhecer a justiça de Deus e a curvar-se à supremacia de Cristo, seu caráter permanece sem mudança. O espírito de rebelião, qual poderosa torrente, explode de novo. Cheio de frenesi, decide-se a não capitular no grande conflito. Chegado é o tempo para uma última e desesperada luta contra o Rei do Céu... Seu poder chegou ao fim." GC 668.

"Está para sempre terminada a obra de ruína de Satanás. Durante seis mil anos efetuou a sua vontade, enchendo a Terra de miséria e causando pesar por todo o universo." GC 670.

"... Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos — Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. A penalidade completa da lei foi aplicada; satisfeitas as exigências da justiça; e o Céu e a Terra, contemplando-o, declaram a justiça de Jeová." GC 670.

VOCÊ QUER VER O QUE ACONTECEU A JONAS?



LIGUE OS PONTOS DE "A" A "Z" E DO NÚMERO 1 AO 38

O PEREGRINO

Disse ainda que a religião torna o homem esquisito aos olhos dos grandes que praticam indiferentemente alguns vícios (os quais nomeou em termos mais elevados) e também porque a religião obriga o mesmo religioso a reconhecer e respeitar, entre os próprios correligionários, os de caráter vil e baixo; "e não é isso" dizia ele, "uma vergonha?"

Cristão: E que lhe respondeu?

Fiel: Responder? A princípio não soube o que dizer, também ele me aborreceu tanto que meu sangue afluiu ao rosto. Mas por fim pensei que Vergonha me dizia o que os homens são, porém ele não se referiu nem uma só vez a Deus, nem à Sua Palavra. Eu então pensei: o que Deus diz é melhor do que todos os ensinamentos dos homens. Vendo que Deus prefere Sua própria religião, vendo que prefere a consciência sensível, vendo que muitos tolos deste mundo são sábios para com Deus e o homem pobre que ama a Cristo é mais rico que o maior homem do mundo que O odeia, eu disse: "Vergonha, retira-te, és um inimigo da minha salvação". Vergonha, porém, era um vilão ousado, quase não pude afastá-lo de mim e ficar livre dele, porque me seguia e segredava ao meu ouvido alguns dos fracassos daqueles que dizem ter religião. Finalmente, disse-lhe que estava perdendo o tempo em me seguir, pois o que ele desprezava era no que eu encontrava a maior glória e conforto; e assim ele foi ficando atrás de mim e se distanciou.

E comecei a cantar:

> As provas que vêm aos homens,
> Homens obedientes à chamada celestial,
> São muitas, são enormes, e constantemente vêm.
> Pois agora, ou no futuro, talvez, vencernos possam.
> Deixai os peregrinos, deixai os peregrinos
> Ser vigilantes e portarem-se como homens.

Cristão Encontra-se com Tagarela

Vi em meu sonho que, enquanto estavam prosseguindo viagem, Fiel, por acaso, olhou para um lado e viu um homem, cujo nome era Tagarela, ao seu lado, pois a estrada era larga. Era homem alto e de aparência agradável, isto é, quando distante. A ele, Fiel disse: "Amigo, o senhor vai ao Pai Celestial?"

Tagarela: Estou indo, exatamente, para aquele lugar.

Fiel: Está bem, espero que possamos tê-lo como nosso bom companheiro.

Tagarela: Com muito prazer serei seu companheiro.

Fiel: Então aproveitemos nosso tempo conversando sobre coisas proveitosas.

Tagarela: Falar de coisas boas e aceitáveis muito me contenta e também encontrar-me com pessoas inclinadas a isso. De fato são poucos os que querem assim passar seu tempo, pois a maioria passa o tempo em coisas que não edificam.

Fiel: Isto é de fato uma tristeza, pois que coisas são mais edificantes do que as do Deus Celestial?

Tagarela: Gosto muito do senhor porque suas palavras são cheias de verdade, e que coisa mais agradável e proveitosa que falar das coisas de Deus? Isto é, se um homem tem qualquer prazer em coisas que são maravilhosas. Por exemplo, se um homem tem prazer em falar da história, ou do mistério das coisas, ou em milagres, ou sinais, ou maravilhas, onde achará coisas escritas tão agradáveis como nas Escrituras Sagradas?

Fiel: Isso é verdade; porém o tirar proveito de tais coisas em nossa conversa, deve ser o nosso alvo.

Tagarela: Isto é o que eu disse: porque o conversar sobre elas é muito edificante, pois, assim fazendo, o homem pode ganhar conhecimento de muitas coisas; como por exemplo, a loucura de coisas terrenas dum lado e do outro a sabedoria das coisas celestiais. Além disso, o homem pode aprender o que é abandonar o pecado, crer, orar, sofrer, etc., e também aprender quais são as grandes promessas e o conforto do Evangelho para seu próprio gozo. Ainda mais, pode aprender a rebater opiniões falsas, provar a verdade e ensinar aos ignorantes.

Fiel: Tudo isso é verdade, estou contente em ouvir essas coisas do senhor.

Tagarela: Oh! a falta disso é a razão por que tão poucos reconhecem a necessidade de fé e graça em seus corações para obter a vida eterna.

Fiel: Mas o conhecer estas coisas é dom de Deus. Ninguém pode compreendê-las só por falar delas.

Tagarela: Tudo isso eu conheço muito bem, porque o homem não pode receber nada se do céu não lhe for dado. Eu poderia apresentar centenas de trechos da Escrituras para prová-lo.

Fiel: Bem, então qual a coisa sobre que vamos falar agora?

CAREY
O PAI DAS MISSÕES MODERNAS

OS CAMPOS ESTÃO BRANCOS PARA A CEIFA

(Continuação)

Desde 1784 que a associação a que pertencia, formada por um grupo de pregadores batistas, orava por uma grande ofensiva dos exércitos celestais de Cristo, sem ver, todavia, que mais do que um mero tema de orações, o assunto constituía tarefa árdua, exigindo rápida execução. Um mercador de nome Potts dirigiu-se a Carey e sugeriu-lhe a publicação de um folheto com o fim de instruir e despertar a igreja de Cristo. Carey respondeu que já o havia tentado mas sem grande sucesso. Além disso, ainda que pudesse escrever a mensagem, não teria fundos necessários para a sua impressão. Potts replicou-lhe que se não podia escrever como queria, o fizesse como pudesse, que para impressão do folheto lhe forneceria ele a quantia de dez libras. Assim encorajado, Carey decidiu tentar de novo a experiência.

Tinha 28 anos de idade quando foi convidado a presidir à pequena congregação na cidade de Leicester. Devido à guerra com a França a alimentação era muitíssimo dispendiosa, o que o obrigou a continuar com o ensino escolar e o seu ofício. Aparentemente nada o recomendava como pregador. Era baixo, pobre, sem um curso ou educação especial; as mãos apresentavam cicatrizes e manchas do trabalho grosseiro a que se dedicava; sua aparência e maneiras era as de um rústico. Mas à sua volta juntavam-se as gentes como à volta de um cujos lábios tivessem sido tocados com uma brasa vinda do altar. Não que ele lhes deliciasse os ouvidos com temas frívolos. Durante mais de um ano conduziu-as pelos tortuosos e complicados caminhos do Apocalipse. Não se contentando em pregar três ou quatro vezes por semana em Leicester, visitava ainda várias aldeias, tendo cavado alicerces para futuras igrejas em cinco lugares.

É a J. Roland Evans que devemos a narrativa de uma visita que, por essa altura, fez à casa de Carey:

"Tenha a bondade de entrar e sentar-se", disse uma voz suave, acolhedora, em resposta a uma pancada na porta. "Meu marido está ocupado mas dentro de um momento terá muito prazer em recebê-lo". Sentei-me a um cantinho do quarto, confortável e convidativo, perto de uma janela aberta. Uma brisa ligeira e delicada agitava de mansinho as imaculadas cortinas de chita, impregnando o quarto do aroma de flores. Era um quarto encantador, de teto baixo, tal como os quartos das velhas casas de campo. A um canto, um velho e solene relógio parecia contemplar-nos cheio de dignidade, e nas paredes exibiam-se um mapa desenhado à mão e várias gravuras representando curiosas e interessantes cenas estrangeiras. Reparei em vários livros que jaziam abertos sobre a mesa, o caráter erudito dos quais me surpreendeu.

"Imagine o que o meu marido trabalha" disse a esposa, voltando à sua costura. "A escola terminou há uma hora e ele já consertou um par de sapatos e fez alguns chapins". "É assim que passa os dias: a trabalhar e a ler, a ler e a trabalhar".

Em breve a porta se abria para dar passagem a uma garota que trazia nas mãos um pesado par de botas. "Poderiam estar prontas amanhã? o meu pai...".

"Se for possível...", — respondeu a mulher do sapateiro ao mesmo tempo que acariciava a cabecita encaracolada da criança que se voltou para sair satisfeita com a promessa. Depois chamou os filhos que brincavam ao sol: "Félix, não brinques assim e cuida do William".

Dentro de momentos o sapateiro aparecia: era um rapaz baixo, apresentando no dorso a inconfundível curvatura do estudante. O avental de couro não escondia um terno puído e desbotado e a cabeleira postiça assentava-lhe mal. Com um rápido olhar em direção ao novo par de botas, disse, um sorriso paciente aflorando-lhe aos lábios: "outro par"! Depois voltou-se para me cumprimentar e eu vi-lhe então os belos olhos irradiantes de luz. Passados momentos, dirigiu-se à janela e tocou, com uma ternura imprópria de tão rudes mãos — mãos endurecidas e marcadas pela lida — as flores que cresciam no peitoril. Pareceu-me que estas tinham algo que ver com o seu ar de felicidade quando disse: "vejo a mão de Deus em cada pétala, o Seu sorriso em cada flor".

Enquanto a sua esposa nos preparava uma refeição, subimos ambos uma pequena escada de caracol que conduzia a um andar superior. Aí o sapateiro-professor me mostrou alguns dos seus mais queridos livros — e tinha-os em grande número — para dentro em breve pegar naquele que, acima de todos, amava. Com este seguro, reverentemente, entre as mãos, principiou a falar-me de um grande sonho seu, aliás já meu conhecido, e do sermão que em breve iria pregar em Nottingham.

"Este é o manuscrito" disse, cheio de entusiasmo. "Foi Deus que mo inspirou. Oro para que o seu resultado seja a fundação de uma sociedade da nossa denominação, cujo fim seja levar a luz do Evangelho às gentes pagãs". Em seguida encaminhou-se para a janela. Eu estava a seu lado. O céu exibia um lindo manto azul e o sol, no declínio, beijava os campos por entre os quais se divisava um rio que corria suave e murmurante. Nas árvores cantavam pássaros e ouviam-se, vindos de longe, alegres gorjeios infantis. Falei de tudo isto. Mas as suas palavras vieram firmes, decididas: "Só posso contemplar os vastos campos do paganismo já "brancos para a ceifa". São esses que me seduzem e para os quais me sinto chamado".

A NOITE DESCE

Agora, Senhor, despedes em paz o Teu servo

As tremendas lutas em prol da restauração da Igreja, desgostos constantes, extrema atividade precedida por uma juventude cheia das maiores privações e graves enfermidades haviam abalado o físico de frei Martinho.

Já em 1527 havia sofrido séria enfermidade cardíaca que o havia levado à beira da sepultura. Escreveu ao amigo Amsdorf: "Sou como o apóstolo, como se estivesse morrendo, e, contudo, eis que vivo." Quando dez anos depois foi gravemente acometido pelo seu velho mal de calculose, disse em tom confortador a Melanchthon que se debulhava em lágrimas: "Recebemos o bem, e não receberemos o mal?" Ainda uma vez ergueu-se da beira do túmulo. Chamou seu mal de velho atormentador que há muito o teria matado, não tivesse sido outra a vontade de Deus. Estes seus padecimentos, fazia dez anos, o haviam feito escrever a um seu amigo: "Prefiro a morte a semelhante tirano." Noutra ocasião assim se expressou: "estou farto do mundo e o mundo de mim, e assim é fácil nos separarmos, à semelhança de quem pede sua conta ao hospedeiro." Entretanto vencia sempre de novo esse pensamento mediante sua incansável atividade.

Cada vez mais desejava o repouso do Senhor. Importava que cada vez mais fosse acrisolado pela tristeza e pela dor. No ano de 1542 achava-se junto ao leito da morte de sua querida filhinha Madalena, de 14 anos. Declarou: "Amo-a muito; mas, ó Deus, sendo de Tua vontade levá-la, de boa mente a quero saber na Tua companhia. Madaleninha, minha filhinha, gostarias de ficar com teu pai e ao mesmo tempo de ir-te para junto daquele Pai!" A piedosa jovem respondeu-lhe meigamente: Sim, meu pai, como Deus quiser!" Ao aproximar-se a hora do desenlace da filha, o pai pôs-se de joelhos, chorou amargamente e orou pela sua redenção, adormecendo ela em seguida nos seus braços. Ao vê-la repousar no ataúde, disse: "Querida Leninha, como te foste tão bem! Ah! que ressuscitarás e resplandecerás, como estrela, mesmo como o sol. É cousa maravilhosa, saber que certamente estás em paz e muito bem, e contudo sentir tamanha tristeza!" Nunca venceu por completo a dor pela morte de sua filha.

Pouco depois fez o seu testamento, no qual amparou sua querida, piedosa e fiel esposa. Todavia ainda teve que esperar quatro anos o tão desejado repouso celestial. No dia 17 de novembro de 1545 fez sua última preleção na Universidade de Wittemberg, terminando a exposição do Gênesis. E em meados de janeiro de 1546 proferiu o seu último sermão na igreja do paço, terminando-o com o pedido de qe todos os cristãos crentes orassem por ele, não pedindo a Deus prolongasse a sua vida, mas lhe desse uma morte serena.

A 13 de janeiro, no rigor do inverno, empreendeu sua última viagem aqui na terra, em companhia dos seus três filhos. Deus permitiu que o heróico batalhador visse cumprida sua saudade de estar com Cristo na glória, por ocasião de uma missão de paz. Os condes de Mansfeld haviam-lhe pedido que lhes servisse de mediador numa questão de família. Não obstante sofrer novo ataque de calculose, prometeu atendê-los. Em Hale hospedou-se na casa de seu amigo Justo Jonas, que desde então o acompanhou e não mais se afastou de seu lado até sua hora derradeira. Jonas relatou-lhe os últimos momentos de vida.

Pouco antes de Eisleben, frei Martinho quase desmaiou de dor. Chegado em Mansfeld, empenhou-se pela reconciliação dos condes até 17 de fevereiro, ainda pregou quatro vezes, recebeu a absolvição e, segundo o costume apostólico, consagrou dois ministros do Evangelho. Aos que o cercaram nestes seus últimos dias de vida disse muitas palavras de consolação. Retirava-se todas as noites pelas 20 horas da sala de visitas e se dirigia ao seu aposento. Posto em pé diante da janela, erguia os olhos para o céu e orava fervorosamente. Em seguida voltava alegre, como que aliviado, e ainda conversava um quarto de hora animadamente com os amigos. Nestes dias escreveu cinco cartas à boa esposa, que tanto se preocupava com o seu estado de saúde, sempre em tom de bondade, de cordialidade e de tranqüilização. Lembrava-lhe que Deus tem cuidado de nós, falava-lhe na Escritura Sagrada e no Catecismo Menor, a cujo respeito ela certa vez havia dito que a ela se referia. De Eisleben escreveu suas últimas três cartas ao amigo Felipe. Das últimas cartas escritas na sua vida, uma foi dirigida à sua "boa e querida dona de casa" e outra a Melanchthon, o "digníssimo irmão em Cristo".

No domingo de 14 de fevereiro de 1546 proferiu seu último sermão, ao qual concluiu com as palavras: "Isto e muito mais poderia dizer-se a respeito deste Evangelho; mas estou fraco. Vamos terminar aqui. O amor de Deus conceda Sua graça, para que aceitemos a Sua preciosa Palavra com ações de graças, cresçamos no conhecimento, na fé de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, e perseveremos na confissão desta sua Palavra até ao fim. Amém."

No dia 16 de fevereiro havia concluído a reconciliação dos condes de Mansfeld. Escreveu à sua esposa: "Vemos que Deus atende orações. Esperamos regressar esta semana, se Deus quiser." No mesmo dia, numa palestra de mesa, declarou: "Não me quero demorar mais, quero voltar para Wittemberg e ali deitar-me num caixão e dar aos vermos gordo doutor."

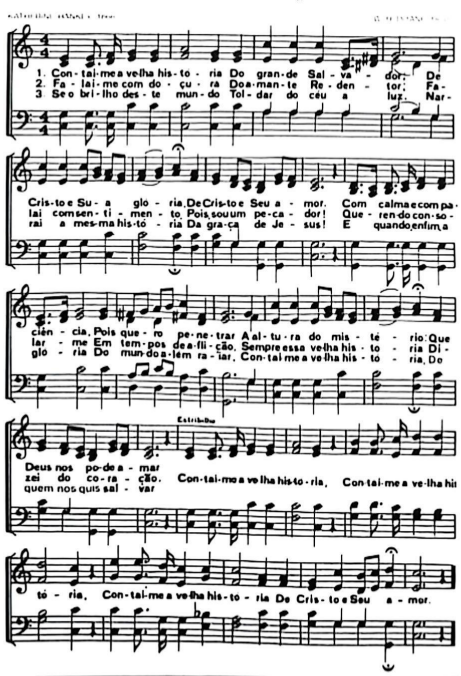
Na manhã de 17 de fevereiro foi acometido de grande franqueza. Ora deitado ora andando, falou muito da morte, da vida futura e do reencontro. E antes de recolher-se admoestou os

Continua na pág. 4

História dos hinos de que você gosta

30 CONTAI-ME A VELHA HISTÓRIA

(Tell me the Old, Old Story)



CONTAI-ME A VELHA HISTÓRIA

Este magnífico cântico foi traduzido para quase todas as línguas. Porém, somente tornou-se famoso depois que o Dr. W. H. Doane escreveu a melodia para ele. O grande Ira D. Sankey foi um dos que grandemente contribuíram para aumentar sua popularidade.

Katherine Hankey nasceu em Clapham, Londres, Inglaterra, em 1834. Era ativa na Escola Dominical e no trabalho da igreja desde seus primeiros anos. A evidência de seu profundo interesse e solicitude pelos outros pôde ser vista imediatamente. Por exemplo, antes de atingir os vinte anos de idade, Kate dirigiu uma grande classe bíblica para moças. Afeiçoou-se tão profundamente às suas alunas que por mais de cinqüenta anos manteve contato com muitas delas. Muitas vieram de grandes distâncias para assistir ao seu funeral — cinqüenta anos depois de haver lecionado para elas.

A Srtª Hankey conta: —"Escrevi a primeira parte perto do fim de janeiro de 1866. Estava adoentada naquele tempo, justamente me restabelecendo de uma severa enfermidade, e a primeira estrofe indica realmente meu estado de saúde, pois estava completamente fraca e cansada. Quando escrevi a primeira parte, que consistia de oito estrofes de quatro linhas cada, eu o pus de lado, e apenas no mês de novembro do mesmo ano completei o cântico todo.

Sobre a música, Doane escreveu : —"Em 1867 eu estava assistindo à Convenção Internacional da Associação Cristã de Moços, em Montreal. Entre os presentes estava o Major General Russell, comandante das forças inglesas no levante Feniano. Ele se levantou na reunião e leu as palavras deste cântico de uma folha de papel almaço: lágrimas rolaram-lhe pelas faces bronzeadas. Escrevi a música para o cântico numa tarde de calor, viajando numa diligência entre "Glen Falls House" e "Crawford House" nas Montanhas Brancas.

Nessa mesma tarde cantamo-lo na sala de visitas do hotel. Nós o achamos lindo, embora não pudéssemos antever a popularidade que lhe seria atribuída posteriormente.

Este cântico é verdadeiramente a história do Evangelho e tem tocado inúmeros corações através dos anos, com sua pura beleza de expressão e conteúdo de verdade. Prestamos homenagem à senhora que escreveu as palavras e ao homem que as musicou tão belissimamente.

SOCIAL

ANIVERSARIANTES

Outubro

Vilma Santiago S. Sato (01)
Rosângela Viana N. Almeida (01)
José Roberto P. Cruz (01)
José C. Júnior (01)
Meyrillene Souza da Silva (02)
Cilene Soares (02)
Eduardo B. Santos (03)
Maria S. de Souza (03)
Zenilda M. Wittmann (03)
Sandra Tarabossi (03)
Jetro Rodrigues (04)
Iracita A. Souza (05)
Marlene C. da Silva (05)
Rosair M. dos Santos (05)
José Francisco de Castilho (05)
Dorei das Neves Teixeira (06)
Maria C. dos Santos (06)
Aroldo S. Monteiro (07)
Marcos Antônio S. Santos (08)
Alzemir Alves (08)
Ilda Dias Lopes (10)
Daniel de Souza (10)
Eridan O. da Rocha (10)
Eliz Regina Soares (10)
Célia Francisca da Silva (10)
Clarice Rejane Nunes (11)
Raquel Nunes Gomes (13)
Maria Luzia Vitor de Souza (13)
Joel Peres Nunes (13)
Noel A. de Almeida (14)
Edidermey Zaithammer (14)
Calisto L. Ribeiro (14)
Rosita A. Queiroz (14)
Derivaldo S. Santos (15)
Roseli Pereira de Souza (15)
Iracema P. Filakoski (15)
Josiane L. Teixeira (16)
Lilian Cardoso Moretto (16)
Aline Leivas dos Santos (18)
Antônio C. Oliveira (18)
Gedeão T. Alves (18)
Cícera Maria C. Silva (19)
Jó da Silva (19)
Antônio V. Santana (20)
Renata Soraia Luiz (20)
Enrico Tafuri Dias (21)
Josué Devai (21)
Washington G. J. Oliveira (21)
Leoni de Almeida Braga (21)
Wesley Coelho Pinto (21)
Fátima A. Correia (22)
Vivian Guerra Barros (22)
Keila Pereira Araújo (23)
Késia Pereira Araújo (23)
Norma S. C. Carvalho (23)
Enos Cruz Luz (24)
Eliseu Pereira (26)
Paulo A. Silva (26)
Helton S. Cruz (26)
Hermelindo Filakoski (27)
Ridete L. de Campos (27)
Gideão Vitor de Souza (28)
Andréia Dias Pereira (28)
Damares Cristina S. Dias (28)
Valdir Gomes (28)
Alfredo R. Nunes (30)
Valternei S. Santos (30)
Alexandre Dias (31)
Josias Leivas Teixeira (31)

Novembro

Antônia Borges da Silva (01)
José R. da Silva (01)
Benedita de Jesus Rodrigues (02)
Francisca B. Oliveira (03)
Humberto Fernando Correia (03)
Maria Eunice S. Devai (03)
Élcio Rodrigues (04)
Rejane Akemi Pereira (04)
Rubenita J. Araújo Garcia (06)
Vagner Guerra Santos (06)
Olímpia M. C. Silva (08)
Noêmia Lima (09)
Lígia Cruz Silva (09)
Gerson S. Ribeiro (10)
Antônio Ribeiro de Mendonça (10)
Cláudia Cristina B. Cipriano (11)
Eliel dos Santos Silva (11)
Rafael R. Dias (11)
Sansão Lopes (12)
Natã O. Leal (13)
Florisvaldo Soares Souto (15)
Ruth Tuleu Braga (15)
José Silva (16)
Ely P. Quiroga (16)
Isac da Silva Oliveira (16)
Silvana G. Kanenn Cardoso (17)
Edilvana Zaithammer (17)
Brauli Regina Kanenn (17)
José Antônio dos Santos (17)
Isaías G. Silva (17)
José Antônio Cruz (18)
Débora de Oliveira Custódio (19)
Moisés Gonçalves de Lima (19)
Maria de Fátima Ribeiro (21)
Iolanda Kazuyo Devai (22)
Manassés de Almeida (22)
Merizane S. Maia (22)
José Elias Borsari (23)
Maria Nina A. Santos (24)
Eunice S. Costa (24)
Vitalina Maia (24)
Pedro S. da Silva (25)
Noêmia D. Nunes (26)
José A. Corte (26)
Suzana Marques (26)
Josué F. Santos (26)
José Carlos Mello (26)
Francisco de Oliveira Lima (26)
Joel O. Souza (27)
Daniele Oliveira Mello (27)
Rosane G. Corte (28)
Jabes Muniz de Almeida (28)
Rute P. de Oliveira (29)
José Luiz P. Fernandes (29)
Suely Francisca da Silva (29)
Kirk G. Pereira (30)

SOMBRAS

Sombras...
Na caminhada da vida contemplamos sombras.
E é natural projetarmos sombras à nossa frente,
Quando a luz está atrás de nós...

Nossa imagem se retrata distorcida...
Nossa imagem se esboça inacabada...
Contemplamos este quadro triste, e
A visão de nossa deformidade nos assusta...

Às vezes no topo desta figura humana
Aparece uma cabeleira desgrenhada...
Sombras, nada mais que sombras...
Sombras dianteiras... tristes sombras.

Mas, quando decidimos volver-nos para a Luz
Não vemos as sombras...
Sombras... sombras... tristes sombras...

Se estas sombras se apresentam atrás de nós,
Não nos daremos ao triste trabalho
De nos volvermos constantemente
Para contemplar esta imagem incerta,
Mal traçada e inacabada...
De nosso próprio ser.

É, mas outros podem vir atrás de nós
E observar as nossas falhas...
Não! Isso não!
Se a verdadeira Luz for à frente,
Qual Farol a nortear nossa vida,
Nosso companheiro de caminhada
Ficará tão iluminado e fascinado,

Que só terá tempo de fixar os olhos nesta Luz...
Esquecendo-se de nossa sombra... ou até...
Fazendo dela uma doce proteção contra o calor
Da hora mais crucial da jornada.

Sônia Regina Santos de Jesus

Órgão Oficial do Departamento Juvenil da Igreja Adventista do 7º Dia — Movimento de Reforma. Correspondências, sugestões e colaborações deverão ser enviadas à Redação do Página Juvenil — Cxa. Postal, 135 — 08580 — Itaquaquecetuba, SP.

PREPARE-SE!

VEM AÍ O 1º CONGRESSO SUL-AMERICANO DE JOVENS

Dias 15 a 19 de janeiro
EM SANTA CRUZ DE LA SIERRA
— BOLÍVIA —
Jovens do Peru, Bolívia, Chile, Argentina, etc, e Você!

Uma correção a tempo:
O preço da inscrição é de dez dólares (cotação no câmbio paralelo). Junto de seu cupom envie o equivalente em cruzeiros.

GRUPO MUSICAL CÉSAR FRANCK
— 15 anos —

No final de 1970 o Grupo Musical César Franck fez sua primeira aparição como coral. Daí em diante foi uma constante em todas as programações da igreja em São Paulo ou em outras cidades e até no exterior.

Como ações de graças ao Deus que não os desamparou através desses quinze anos, fará realizar dias 20, 21, 27, 28 e 29 de dezembro uma intensa programação musical quando fará também o lançamento de 2 fitas com seu repertório favorito de hinos para coral, conjunto, solos, duetos, etc.